

# VERNON SUBUTEX

DES  
PEN  
TES

«Isto não é um romance, é um eletrocardiograma.»

*LE FIGARO LITTÉRAIRE*

ELSINORE

*Non omnis moriar*

...

*para*

*Martine Giordano,*

*Josefina Pépa Bolívar,*

*Yanna Pistruin.*

As janelas dos edifícios em frente já estão iluminadas. As silhuetas das mulheres da limpeza agitam-se no vasto *open space* daquilo que deve ser uma agência de comunicação. Começam a trabalhar às seis. Vernon costuma acordar um pouco antes de elas chegarem. Precisa de um café forte, de um cigarro de filtro amarelo, gostaria de fazer uma torrada e de tomar o pequeno-almoço enquanto espreita as gordas do *Parisien* no computador.

Há semanas que não compra café. Os cigarros que enrola pela manhã, esventrando as beatas dos da véspera, são tão finos que é como se apenas fumasse papel. Não há nada para comer nos armários da cozinha. Mas continua a ter Internet. O débito em conta é efetuado no mesmo dia em que cai o subsídio de alojamento. De alguns meses a esta parte, este é transferido diretamente para o proprietário, mas até agora ainda não foi. Enquanto assim for...

Cortaram-lhe o telemóvel e já não está para se chatear a comprar cartões pré-pagos. Perante o colapso, Vernon mantém uma linha de conduta: finge ser o tipo que não dá conta de nada. Viu as coisas desmoronarem-se em câmara lenta e afundarem-se de forma acelerada. Mas Vernon não cedeu, nem quanto à indiferença, nem quanto à elegância.

Primeiro, tiraram-lhe o rendimento mínimo. Recebeu uma cópia do relatório sobre a sua pessoa pelo correio, redigido pela sua assistente social. Dava-se bem com ela. Encontraram-se regularmente durante quase três anos, no pequeno cubículo onde ela condenava à morte as plantas verdes. Trintona, pimpona, ruiva falsa, roliça e com grandes peitos, a senhora Bodard gostava de falar dos seus dois filhos, que não paravam de lhe dar problemas, levava-os regularmente a um pediatra na esperança de que este diagnosticasse uma hiperatividade que justificasse um tratamento com sedativos. Mas o médico considerava que eles estavam perfeitamente bem e que o assunto era problema dela. A senhora Bodard contou-lhe que tinha visto os AC/DC e os Guns N' Roses ao vivo, com os pais, quando era pequena. Atualmente, preferia Camille e Benjamin Biolay, e Vernon absteve-se de comentar em desacordo. Tinham conversado longamente sobre o caso dele: ele tinha trabalhado numa loja de discos entre os vinte e os quarenta e cinco anos. Na sua área, as ofertas de emprego eram mais raras do que numa mina de carvão. A senhora Bodard tinha sugerido uma reciclagem. Centros de orientação profissional, formação contínua, formação especializada, tinham consultado os cursos a que podia candidatar-se, despedindo-se cordialmente e combinando voltarem a ver-se para retomarem o tema. Três anos mais tarde, rejeitaram a sua candidatura para obter um certificado profissional em serviços administrativos. Pela sua parte, considerava que tinha feito o que havia a fazer, tinha-se tornado um especialista em dossiês e preparava-os com grande eficiência. Com o passar do tempo, ganhou a sensação de que o seu trabalho consistia em navegar na Internet à procura de ofertas que correspondessem ao seu perfil e enviar currículos para, em troca, receber respostas negativas. Quem iria querer formar um quase quinquagenário?

Conseguiu um estágio numa sala de concertos dos subúrbios, e um outro numa sala de cinema independente – mas, para lá de sair um pouco, estar a par dos problemas dos comboios suburbanos e conhecer pessoas, tudo aquilo lhe dava, sobretudo, a impressão de ser um lamentável desperdício de tempo.

Na cópia do relatório que a senhora Bodard escrevera para justificar que lhe fosse retirado o subsídio, eram mencionadas coisas que ele lhe tinha contado em tom de tagarelice confiante, como ter gastado pequenas quantias de dinheiro para ir ver os Stooges a Le Mans ou ter perdido cem euros ao póquer. Enquanto folheava o relatório, mais do que ficar lixado por lhe terem retirado o rendimento mínimo, sentia ter sido terrivelmente envergonhado por ela. A assistente social devia ter uns trinta anos. Quanto ganharia – quanto ganha uma tipa destas –, dois mil brutos? Quando muito. Mas as pessoas desta geração foram criadas ao ritmo da Voz da casa do *Big Brother*: um mundo em que o telefone pode tocar a qualquer momento para ordenar a expulsão de metade dos teus colegas. Eliminar o próximo é a regra de ouro dos jogos de que os empanturraram desde o biberão. Como pedir-lhes, nos dias que correm, que considerem isso mórbido?

Ao receber o cancelamento do subsídio, Vernon disse a si mesmo que talvez isso o motivasse para procurar «alguma coisa». Como se o agravamento da precariedade pudesse exercer uma influência benéfica sobre a sua capacidade de sair do impasse em que encalhara...

As coisas começaram rapidamente a piorar não apenas para ele. Até ao início dos anos 2000, havia muita gente que se safa bastante bem. Ainda era possível ver estafetas chegarem a *label managers*, tarefeiros a conseguirem um lugar de responsável pela rubrica de televisão de um jornal, até os imbecis chegavam a chefes de uma secção de discos da FNAC... Na cauda

do pelotão, os menos motivados para o sucesso arranjavam um contrato temporário num festival, um trabalho de *roadie* numa digressão, uma colagem de cartazes nas ruas... Embora Vernon estivesse bem colocado para entender a importância do tsunami Napster, nunca imaginou que o navio se afundasse assim de uma assentada.

Alguns alegavam que era o *karma*: a indústria tinha conseguido tais resultados com a operação CD — voltar a vender o catálogo a todos os clientes, num suporte que custava metade a fabricar, e que era vendido ao dobro do preço nas lojas... coisa que em nada beneficiou qualquer amante de música, pois nunca tinham existido queixas acerca do vinil. A lacuna nesta teoria do *karma* é que, por essa altura, já seria do conhecimento geral que quem se deixava enrabar era castigado pela História.

A sua loja chamava-se Revolver. Vernon tinha lá começado a trabalhar ao balcão, aos vinte anos, tomando conta da barraca quando o chefe decidiu partir para a Austrália, onde montou um restaurante. Se, no primeiro ano, lhe tivessem dito que iria passar a maior parte da sua vida naquela loja, teria seguramente respondido que tinha mais que fazer. Só quando uma pessoa envelhece é que compreende que a expressão «foda-se, o tempo passa a correr» é a que melhor resume o espírito da coisa.

Teve de fechar a casa em 2006. O mais complicado foi encontrar alguém a quem trespassar o local e dizer adeus à fantasia de que havia de fazer algum lucro com isso; ainda assim, o seu primeiro ano de desemprego — sem indemnização, já que o patrão era ele — tinha corrido bem: um contrato para escrever uma dezena de entradas numa enciclopédia sobre *rock*, um biscoito de alguns dias na bilheteira de um festival dos subúrbios, críticas de discos para a imprensa especializada... e depois começou a vender tudo o que tinha sobrado da loja pela Internet.

Liquidou o essencial do fundo existente, mas sobraram alguns vinis, compilações e uma importante coleção de pôsteres e de *t-shirts*, que se recusou a vender ao desbarato como fizera com o resto. Conseguiu sacar o triplo do que esperava no eBay, sem complicações nem faturas. Bastava ser de confiança, ir aos correios durante a semana e ser cuidadoso a embalar a mercadoria. O primeiro ano foi de euforia. A vida joga-se, muitas vezes, em duas partes: na primeira, embala-te e faz-te crer que controlas a situação; na segunda, quando te vê relaxado e indefeso, esmaga-te.

Vernon tinha redescoberto o gosto de dormir até tarde — durante mais de vinte anos, fizesse chuva ou sol, tinha feito subir a puta da persiana metálica da loja seis dias por semana, custasse o que custasse. Em vinte e cinco anos, só por três vezes confiara as chaves da loja a um colega: uma gastroenterite, um implante dentário e uma ciática. Foi preciso um ano até reaprender a ficar na cama a ler pela manhã, se lhe apetecesse. A sua última pancada era ouvir rádio enquanto procurava porno na Net. Conhecia de trás para a frente as carreiras da Sasha Grey, do Bobbi Starr e da Nina Roberts. Também gostava de dormir a sesta, ler uma meia hora e estender-se.

No segundo ano, dedicou-se a compilar imagens para um livro sobre Johnny Hallyday, inscreveu-se no rendimento mínimo, que acabara de mudar o nome para RSA, e começou a vender a sua própria coleção de objetos. Safava-se bem no eBay, não fazia ideia do tipo de folia fetichista que agitava o ciberespaço 2.0, tudo se vendia: *merchandising*, banda desenhada, figuras de plástico, pôsteres, fanzines, livros de fotos, *t-shirts*... De início, quando se começa a vender, um tipo contém-se, mas depois ganha balanço, e torna-se um prazer ver-se livre de tudo. Passo a passo, foi limpando a casa de todo o rasto da sua vida anterior.

Não se esquecia de dar o justo valor à tranquilidade de uma manhã sem ninguém a lixar-lhe a cabeça. Tinha todo o tempo do mundo para ouvir música. E os Kills, os White Stripes e todos os outros Strokes podiam lançar os discos que quisessem — ele já não tinha de se preocupar com isso. Já não podia com tantas novidades, não paravam de aparecer, para estar a par de tudo era preciso estar o tempo todo *online*, para ingerir os novos sons, sem tempo de repouso.

Por outro lado, não tinha previsto que, ao encerrar a loja, comesse a ver-se e desejar-se para arranjar engates. Sempre se disse que o *rock* é coisa de homens, mas também sempre se disse muito disparate: tinha as suas clientes, que se renovavam. Ele e as miúdas entendiam-se muito bem. Não era do tipo fiel, e quanto mais tentava livrar-se de uma para arranjar outra, mais elas se penduravam nos seus braços. Ele sabia que, se alguma miúda aparecesse na loja com o namorado à procura de um disco, passados oito dias, voltava sozinha. E havia ainda todas as que trabalhavam no bairro. As esteticistas ao fundo da rua, as miúdas da loja em frente, as miúdas dos Correios, as miúdas do restaurante, as miúdas do bar, as miúdas da piscina. Um viveiro prodigioso cujo acesso lhe foi recusado / retirado ao entregar as chaves da loja.

Tinham sido poucas as namoradas estáveis ao longo da sua vida. Como muitos rapazes seus conhecidos, Vernon vivia com a recordação da rapariga que o deixara. A que tinha sido importante. A sua chamava-se Séverine. Ele tinha, então, vinte e oito anos. Demasiado apegado à sua reputação de *serial lover*, não quis perceber a tempo que era ela a tal. Ele era uma fera selvagem e independente, todos os seus amigos se passavam com a sua elegante desenvoltura a desbobinar histórias. De qualquer modo, era essa a ideia que tinha de si mesmo. O caso de uma noite,



o sedutor, aquele que não se apega, aquele que não se deixa controlar pelas miúdas. Não tinha ilusões a esse respeito: como tantos rapazes pouco seguros de si, tranquilizava-o verificar que era capaz de fazer as mulheres chorarem.

Séverine era alta e eufórica, tão eufórica que cansava, tinha umas pernas intermináveis e pinta de parisiense rica, do género que pode levar vestido um colete de pele de carneiro e, ainda assim, parecer chique. Agarrava as coisas com vigor, sabia fazer tudo em casa, e nem sequer se assustava se tivesse de mudar um pneu na berma da autoestrada, era uma dessas meninas ricas habituada a desenrascar-se sozinha, sem nunca se queixar. Isso não a impedia de saber descontraír-se na intimidade. Quando pensa nela, vê-a nua, na cama, onde ela gostava de passar fins de semana inteiros. Colocava o gira-discos no chão, ao lado do colchão, para não ter de se levantar para mudar o disco. Em redor da cama, amontoavam-se os cigarros, a garrafa de água, o telefone com o cabo em espiral sempre emaranhado. Era o seu reino. Onde ele foi admitido, durante alguns meses.

Era o género de miúda a quem a mãe ensinou a não se desfazer em lágrimas quando descobre que foi encornada. Séverine cerrava os dentes. Vernon foi estupidamente apanhado em flagrante — e ficou surpreendido por ela não o ter deixado imediatamente. Disse-lhe «vou andando» e perdoou-lhe. Ele deduziu que ela não suportava pensar em perdê-lo e sentiu um certo desprezo pela sua debilidade de carácter. Poderia, assim, recommear. Já tinham gritado um com o outro umas três ou quatro vezes, e ela tinha-o avisado, tem cuidado, não te estiques que eu perco a paciência, não me deixas outra opção, mas Vernon estava convencido de que ela não o faria. Não viu o que estava para vir. Quando soube que ela andava com outro, Vernon meteu as coisas dela num caixote e deixou-as na rua. A imagem

dos transeuntes a vasculharem as roupas, os livros e os frascos, espalhados em frente da sua porta, perseguiu-o durante anos. Não voltou a saber nada dela. Vernon ainda demorou algum tempo a perceber que não iria ultrapassar a situação. Tinha muito jeito para ignorar as emoções. Por vezes, pensa em como teria sido a sua vida se tivesse ficado com Séverine. Se tivesse tido a coragem de renunciar ao que era dantes, se tivesse sabido que, de qualquer maneira, estamos despojados daquilo de que mais gostamos e que é preferível tratar logo do assunto. De certeza que ela teve filhos. Era esse tipo de miúda. Das que assentam. Sem perderem o charme. Não uma cabra. Uma tipa ligeira, daquelas que comem coisas bio e andam preocupadas com o aquecimento global, mas ele está convencido de que ela continua a ouvir Tricky e Janis Joplin. Se tivesse continuado com ela, teria encontrado um trabalhinho depois de fechar a loja, porque teriam crianças e ele não teria escolha. E, hoje em dia, haveriam de questionar-se sobre o que fazer com o mais velho, que fuma charros, ou com a anorexia da mais nova. Enfim, ele gosta de pensar que limitou os estragos.

Agora, Vernon fode menos do que um homem casado. Nunca imaginou ser possível ficar tanto tempo sem sexo. O Facebook ou o Meetic são excelentes ferramentas para engatar a partir de casa, mas, a menos que te entusiasmes no *Second Life*, é mesmo preciso sair para ver a miúda. Procurar roupa que te faça parecer *vintage* e não um velho vagabundo, desenrascas-te para não teres sequer de entrar num café, nem num cinema, quanto mais jantar nalgum lado... e não a levas para tua casa, para ela não ver como os armários da cozinha estão vazios, o frigorífico deserto, e uma desordem enfermiza por todo o lado – nada que ver com o caos simpático do celibatário obstinado. Em casa dele, reina um cheiro a peúgas demasiado usadas, esse cheiro típico de

gajo velho. Bem pode abrir as janelas e perfumar-se. Esse cheiro marca o seu território. Entre uma coisa e outra, dá bola a miúdas na Internet e deixa-as penduradas quando marcam um encontro.

Vernon conhece as mulheres, tem muita experiência com elas. Esta cidade está cheia de gajas desesperadas dispostas a fazerem-lhe as limpezas e a porem-se de cócoras para se dedicarem a longas felações, que supostamente lhe subirão o moral. Mas já não tem idade para imaginar que tudo isso chega sem o seu pacote de exigências em troca. Uma gaja velha e feia não é menos chata e exigente do que uma boazona de vinte anos. O que caracteriza as mulheres é que elas podem manter um perfil discreto durante meses, antes de mostrarem as cartas. Ele já desconfia do tipo de miúdas que poderia atrair.

Os amigos são outra coisa. Ouvir discos em conjunto durante anos, ir a concertos e falar de bandas são vínculos sagrados. Não deixas de os ver só porque é preciso mudar de sítio. Mas o que tinha mudado era que, agora, tinham de telefonar uns aos outros para marcar um encontro, quando, até então, bastava empurrarem a porta da loja quando passavam pela zona. Não estava acostumado a planear jantares, a organizar serões para verem filmes ou a fazer aperitivos bombásticos... Progressivamente, sem se dar conta, muitos amigos foram viver para o campo, quer fosse porque tinham mulher e filhos e já não podiam viver num apartamento de trinta metros quadrados, quer fosse porque Paris era demasiado cara e eles, prudentemente, optaram por voltar para as suas aldeias de origem. Passados os quarenta, Paris apenas suportava no seu seio os filhos de proprietários; o resto da população tinha de ir embora. Vernon ficou. Se calhar tinha feito mal.

Só teve consciência dessa desintegração quando já era demasiado tarde, quando a solidão já o tinha emparedado vivo. Depois vieram as desgraças em série.

Começou com Bertrand. Reincidência do cancro. O bicho voltou pela garganta. Já estava feito em merda com o primeiro. Pensava que tinha passado. Os seus amigos tinham celebrado a cura como uma vitória definitiva. Mas foi tudo tão rápido que os apanhou desprevenidos, só se deram conta depois do enterro. Nos três meses que passaram desde o diagnóstico até à sua partida definitiva, a doença devorou-o. Bertrand vestia camisas negras com a gola subida. Era assim desde 1988. À força, que lhe custava muito abotoá-las, uma vez que a cerveja lhe inchou a pança. Aos quarenta e tal, tinha o cabelo comprido e branco, usava uns *Ray-Ban* de lentes fumadas na ponta do nariz, umas belas botas de serpente e tinha cara de vadio. Vermelhusco, mas bem conservado, o cavalão.

Foi um choque passar a vê-lo habitualmente com um pijama de velho. A perda do cabelo ainda vá. Mas aquele pijama ridículo apertava o coração de Vernon. Bertrand não conseguia alimentar-se, e nem a melhor erva do mundo servia para nada. Perdeu o seu porte, o mais característico dele. Os ossos, demasiado expressivos sob a pele amarelenta, resultavam obscenos. Empenhava-se em continuar a usar os seus anéis de caveiras, embora lhe escorregassem dos dedos. Via-se a si mesmo a morrer dia após dia e disso teve toda a consciência.

Depois chegaram as dores contínuas, o corpo sem forças e a cara de esqueleto. Os amigos não deixavam de gozar a propósito da bomba de morfina, porque mandar bocas era a sua única forma de comunicação. Por vezes, Bertrand falava da morte que o esperava. Dizia que o medo o fazia despertar durante a noite e dizia também que «o pior é que sinto tudo na minha cabeça, sinto que o meu corpo está a bazar e que não posso fazer nada». Vernon não podia responder-lhe «anda lá, vais ficar bom, aguenta, chaval». Ouviam os Cramps, The Gun Club e MC5

e bebiam cerveja, isto enquanto Bertrand ainda a aguentava. A família ficava furiosa, mas, francamente, o que mais lhe restava?

E o anúncio da sua morte, uma manhã, mensagem no telemóvel. Vernon, como os demais, limitou-se a manter a dignidade no enterro. Óculos escuros. Todos tinham óculos escuros e um belo fato preto. Foi então que o horror se apoderou dele. O horror e a ausência. O reflexo de querer ligar-lhe, a impossibilidade de apagar as suas últimas mensagens de voz, a impossibilidade de crer que tinha acontecido. A partir de certa idade já não nos separamos dos mortos, ficamos no seu tempo, na sua companhia. No dia do aniversário da morte de Joe Strummer, Vernon fez aquilo que costumava fazer quando Bertrand era vivo: ouviu todos os álbuns dos Clash e bebeu cerveja. Era um grupo que nunca lhe tinha interessado muito. Mas a amizade é assim: aprendemos a jogar no terreno dos outros.

Num dia de dezembro de 2002, estavam juntos na fila para comprar salmão, porque Bertrand tinha um jantar de fim de ano com uma norueguesa e queria impressioná-la com a sua sofisticação culinária. Estava convencido de que o salmão fumado tinha de ser comprado naquela loja do *V<sup>e</sup> arrondissement* e em mais nenhuma outra parte. Após uma longa viagem de metro, aguardavam a sua vez. A fila estendia-se ao longo do passeio, ainda tinham uns bons quarenta minutos de espera. Vernon foi comprar tabaco e foi na rádio do bar que ouviu que Strummer tinha falecido. Voltou para junto de Bertrand. Não! Estás a gozar? Achas que vou brincar com uma coisa destas? Bertrand ficou pálido, mas, ainda assim, comprou o seu salmão e duas garrafas de vodca. Beberam a segunda ao som de *Lost in the Supermarket*, uma e outra vez, recordando que tinham ido juntos a um concerto do Strummer a solo. Vernon tinha ido apenas para lhe fazer companhia, mas, uma vez lá, foi assaltado por uma emoção

inesperada, pôs o braço sobre os ombros do amigo e vieram-lhe as lágrimas aos olhos. Nunca lhe tinha contado isto, mas fê-lo no dia em que Joe Strummer morreu, e Bertrand disse-lhe que já sabia, mas não lhe tinha apetecido chateá-lo com isso. Merda, Strummer. Houve alguma coisa melhor depois disso?

Três meses mais tarde foi a vez de Jean-No. Nem bêbedo, nem por excesso de velocidade. Uma estrada nacional, um camião, uma curva e nevoeiro. A regressar de um fim de semana fora com a mulher, quis mudar de estação de rádio. Ela salvou-se, com o nariz rebentado. O que lhe reconstruíram era muito melhor do que o original. Jean-No já não pôde desfrutar disso.

Nesse domingo, Vernon estava em casa de uma amiga, deitado num colchão dobrado pela metade contra uma parede e coberto com um pano indiano de tal modo esburacado pelas queimaduras de charros que estas pareciam formar parte do estampado. Estavam num serão de *Alien*, a caixa toda, no projetor de vídeo. A miúda vivia perto do metro de Goncourt, numas águas-furtadas. Perto da sua casa, havia um dos últimos video-clubes que alugavam DVD. Já tinham visto *A Better Tomorrow* e *Mad Max*, *O Padrinho* e *A Chinese Ghost Story*. Era uma joia, esta miúda, dada a charros e a mangás. Não dessas que querem estar sempre a sair. A única cena chata era por favor fofinho vai lá abaixo à mercearia comprar-me rebuçados. Cinco andares, a pé. Vernon não estava disposto a ser o fofinho de serviço. Ela tinha acabado de trazer copos de *Coca-Cola* cheios de gelo numa bandeja enorme, o filme estava em pausa, e, quando o telemóvel tocou, Vernon atendeu, coisa que raramente fazia aos domingos. Mas há muito tempo que Emilie não lhe ligava, devia ser importante. Acabara de saber da notícia pela irmã mais nova de Jean-No. Vernon ficou surpreendido por ser ela a encarregada

de avisar os amigos. Afinal de contas, Jean-No tinha mulher; no hospital, nessa altura, talvez, mas daí a ser a amante a fazer circular a informação... Tinha conhecido Emilie muito bem, depois perderam-se de vista, mas a ocasião não era a melhor para pôr a conversa em dia.

Vernon insistiu em que continuassem a ver o filme. Disse que aquilo não o afetava assim tanto. Isso surpreendeu-o. Pensou que estava a endurecer. No entanto, via Jean-No todas as semanas, e depois da morte de Bertrand tinham-se reaproximado. Comiam juntos no turco ao lado da Gare du Nord, pedindo sempre o mesmo menu de doze euros, regado com cerveja gelada. Jean-No tinha deixado de fumar, andava todo lixado. Se o pobre coitado tivesse sabido que isso seria para nada, teria posto o despertador pela noite, para poder fumar mais. Jean-No estava casado com uma chata. Há muitos gajos que se sentem seguros sob um estrito controlo.

Só mais tarde, à noite, é que aquilo o afetou. No momento em que começava a adormecer, foi trespassado por uma pontada gelada. Teve de vestir-se e sair de casa — passear ao frio, estar sozinho, ver as luzes atravessarem os corpos, fundir-se com o movimento e sentir o chão sob os pés. Estava vivo. Custava-lhe respirar.

À noite, costumava caminhar sozinho. Ganhou esse hábito no final dos anos 80, quando o pessoal do *rock* começou a ouvir *hip hop*. Os Public Enemy e os Beastie Boys estavam na mesma editora que os Slayer, coisa que estabeleceu uma ponte. Na loja, fez-se amigo de um fã de Funkadelic, um branco pequeno, taciturno e agressivo, agora que pensa nisso, devia estar agarrado ao cavalo, mas, naquela época, nem se deu conta. O gajo fazia *tags*, assinava «Zona» por onde quer que passasse. A sua boa relação não durou muito, Zona estava farto de pintar na rua, «autêntico mesmo é o metro», queria foder as carruagens, fazer destroços, e a Vernon

não lhe apetecia acompanhá-lo. Não tinha sido contagiado. Fazia um esforço por se interessar pelos relatos heroicos de *crews* como os 93 MC ou os MKC, pelo *wildstyle* e pelos *throw ups*... Compreendia que tudo isto tinha a sua piada, mas não o cativava. Para aquele gajo, a cena era o risco de partir a cervical só para trepar ao telhado de um edifício e passar um par de horas no silêncio do aerógrafo, umas pausas para fumar um cigarro e olhar para as pessoas que passavam lá em baixo, a quem não ocorria levantar a cabeça e descobrir a sua silhueta de sentinela silenciosa.

Na primeira noite da sua vida sem Jean-No, caminhou até lhe arderem as plantas dos pés, e, ainda assim, continuou a caminhar. Pensava nos filhos de Jean-No, e algo não encaixava. Órfãos de pai. A palavra não quadrava com o que sabia daquelas três coisinhas débeis que passavam todo o tempo a exigir atenção, doces ou brinquedos novos.

Jean-No comportava-se voluntariamente como um idiota. Era arrogante. Sempre ouviu música esquisita, na adolescência gostava de *Einstürzende Neubauten* e *Foetus*, depois meteu-se no *punk hardcore straight edge*, era fã de *Rudimentary Peni* e adorava *Minor Threat*, apesar de beber como uma esponja. Costumava ser tão mordaz que era preciso gostar muito dele para passar noites inteiras na sua companhia. Quando Jean-No fez quarenta, querendo aburguesar-se, passou para a ópera. Vestia-se como um *Playmobil* endomingado e mandava bocas de gajo de direita, dez anos antes de isso ficar na moda. Nessa época, a coisa era tão atípica que acabava por ter uma certa pinta.

Vernon vivia agora num mundo no qual Ian MacKaye podia meter-se no *crack*, que Jean-No não estaria lá para comentar.

Então, foi a vez de Pedro. Apenas oito meses depois. Paragem cardíaca. Pedro chamava-se Pierre, mas metia tanta coca que acabou por herdar um nome sul-americano.



Vernon aguardava em frente do Elysée Montmartre, que então ainda não se tinha incendiado, onde tocavam os Libertines. Tentava engatar uma improvável assistente estagiária que trabalhava num programa de Thierry Ardisson, não falava senão do apresentador, alguém que dizia odiar, mas que, claramente, a fascinava. Viu um amigo, ao longe, diante da porta, e chamou-o, contente por lhe mostrar a miúda com quem estava, uma morena com franja *jeans* cigarro saltos agulha, como as que a capital produzia em série no início do milénio. E ao vê-lo aproximar-se, o amigo começou a chorar. Dizia Pedro, Pedro, Pedro, incapaz de se explicar, e Vernon foi invadido por uma imensa fadiga.

Pedro meteu pelo nariz, na boa, três casas, dois *Ferraris*, todas as suas histórias de amor, amizades, qualquer veleidade de carreira, o seu *look* e a totalidade dos seus dentes. Não se envergonhava, fingindo que não tinha qualquer problema, não, o que ele gostava era de se vangloriar, mostrar uma histeria jubilatória, uma paixão totalmente assumida. Esfregava as gengivas, espalhava tudo em cima do casaco, conhecia todos os cagatórios de todos os bares de Paris, que selecionava exclusivamente em função das casas de banho. Chegava a casa e deixava rastros de coca por todo o lado, e ia-se embora dois dias depois, deixando Vernon reduzido a um farrapo. Pedro gostava de Marvin Gaye, de Bohannon, de Diana Ross e dos Temptations. Vernon adorava ir a casa dele, o som era excepcional, os sofás eram confortáveis, e ele comprava *whiskies* que faziam viajar — um tipo tomava-se por *gangster*, detetive privado ou *dandy* inglês.

Vernon encontrou uma fotografia na qual apareciam os quatro. Os três mortos e ele. Posavam ao seu redor no dia em que cumpriu trinta e cinco anos. Uma bela fotografia, daquelas tiradas com uma câmara analógica e das quais se fazem cópias para os amigos. Quatro rapazes no nevoeiro, mas magros, com

muito cabelo, os olhos vivos e o sorriso desprovido de amargura. Levantavam os copos, nessa noite Vernon estava deprimido, cumprir trinta e cinco anos destroçava-lhe o moral. Quatro gajos giros, felizes por serem uns parvos que não ligavam a nada, e, sobretudo, ignorantes de como estavam na parte boa do que a vida lhes reservava. Tinham estado a ouvir Smokey Robinson durante grande parte da noite.

Depois do enterro de Pedro, Vernon deixou de sair e de devolver as chamadas. Pensou tratar-se de uma fase, algo que acabaria por passar. Não lhe pareceu inusitado ter a necessidade de encerrar-se em si mesmo após uma série de mortes tão seguidas.

Foi nessa época que começou para ele a verdadeira penúria, o que exacerbou a sua tendência para isolar-se. Ir jantar a casa de alguém sem poder levar uma garrafa dissuadia-o de aceitar convites. Ficava deprimido se saía e alguém sugeria fazer uma coleta para comprar um grama. Ficava deprimido com as intransponíveis entradas do metro. Ficava deprimido por calçar ténis com a sola descolada. Ficava deprimido por causa de pormenores aos quais nunca tinha prestado atenção e dava-lhes voltas até à obsessão.

Ficava em casa. Abençoava a sua época. Descarregava música, séries, filmes. Pouco a pouco, deixou de ouvir rádio. Desde os vinte anos que o seu primeiro reflexo pela manhã era ligá-lo. Mas agora angustiava-o, sem o interessar. Tinha perdido o costume de ouvir as notícias. Sem ter reparado, tinha deixado de ver televisão. Havia demasiado que fazer na Internet. Embora ainda espreguistasse as manchetes. Mas frequentava, sobretudo, *sites* porno. Não quer ouvir falar da crise, do islão, das alterações climáticas, do gás de xisto, dos orangotangos maltratados ou dos ciganos a quem querem impedir de entrar nos autocarros.

A sua bolha é confortável. Sobrevive em apneia. Reduz cada ação ao mínimo. Come menos. Começou por aligeirar o jantar. *Noodles* chineses instantâneos. Já não compra carne, as proteínas são para os desportistas. Come basicamente arroz. Compra-o em sacos de cinco quilos no Tang Frères. Reduz nos cigarros — adia o primeiro, espera pelo segundo e, depois do café da manhã, questiona-se sobre se verdadeiramente lhe apetece o terceiro. Guarda as beatas, pois nada se perde. Sabe onde estão as portas dos escritórios ao pé de casa, onde os trabalhadores se juntam para fumarem um cigarro nas pausas, por vezes passa por lá, abranda o passo e apanha as beatas mais compridas. Sente-se como um fogo a apagar-se, cujas brasas se avivam com uma rajada de vento, mas nunca o bastante para pôr em brasa as cavacas. Uma lareira agonizante.

De vez em quando, ganha *speed*. Mete-se no *LinkedIn* e faz listas de conhecidos que aparentam ainda ter trabalho, e promete a si mesmo contactá-los. Imagina a história que lhes contará, começará com uma tretinha qualquer sobre miúdas. A sua fama de ganhão põe os homens num estado propício para conversas fixas. Portanto, o que dirá é: eu não estava em Paris, estava a atirar-me a uma húngara, que me arrastou para Budapeste, ou uma bela americana que passava a vida a viajar — pouco importa a nacionalidade, basta dar a impressão de ter sido do caraças —, e resulta que agora estou por aqui e procuro emprego, o que quer que seja, por acaso não terás nada para mim. Irá dar-se ares de vagamundos, um gajo tranquilo, nada stressado. Já no que toca a dinheiro, não poderá contar histórias, é evidente que não tem cheta. De qualquer modo, nunca nadou em ouro. No seu tempo, isso dava credibilidade. Foi antes dos 2000, antes de as pessoas irem casualmente a concertos com sapatos caros e novos, de boa marca, um bom relógio no pulso, o da moda, *jeans* que

assentam bem e cujo corte testemunha que os compraram nesse ano. Depois de Zadig e Voltaire, a pobreza perdeu a aura poética — quando, durante décadas, tinha servido para validar o artista, o autêntico, o que preferia não vender a sua alma. Hoje em dia é morte aos vencidos, incluindo no *rock*.

Mas nunca faz uma chamada para pedir ajuda. Seria incapaz de definir o que o impede. Já teve tempo para refletir sobre isso. O enigma segue intacto. Consultou na Net os conselhos que dão aos procrastinadores patológicos. Fez listas do que poderia perder, do que arriscava, ao lado da lista do que tinha a ganhar. Isso não muda nada. Não liga para ninguém.

Alexandre Bleach morreu. Vernon vê o seu nome repetir-se no Facebook, mas tarda um pouco em entender o que se passou. Encontraram-no morto num quarto de hotel.

Quem vai pagar as rendas atrasadas? É a primeira pergunta que faz. Os *mails* e as mensagens que lhe enviou nestas últimas semanas ficaram sem resposta. Os seus pedidos de ajuda. Estava acostumado a que Alex fosse lento a responder. Vernon contava com ele. Como em todas as outras vezes em que a situação era crítica. Alexandre acabava sempre por desenrascá-lo.

Vernon está sentado diante do computador — sentimentos contraditórios ou estranhos entre si misturam-se no seu peito, como gatos lançados num saco por uma mão ágil e impiedosa. Na Internet, a notícia espalha-se como a lepra. Alexandre era do domínio público há muito tempo. Vernon julgava já estar acostumado. Era impossível ignorar quando lançava um disco ou começava uma digressão. Não passava uma hora sem o ver nalgum sítio, exibindo-se, debitando disparates com a sua bela voz de *crooner* janado. Alexandre foi tocado pelo êxito do mesmo modo que uma pessoa é atropelada por um camião: não dava

a impressão de ter saído ileso. O seu problema não era a arrogância, mas um desespero selvagem, que cansava quem o rodeava. Não é fácil ver alguém conseguir o que toda a gente deseja, e, ainda por cima, ter de o consolar por causa do que ele alcançou.

Ainda não há fotos do cadáver no quarto do hotel. Mas virão. Alex morreu afogado. Numa banheira. Numa coprodução de champanhe e pastilhas, adormeceu. Vá-se lá saber que caralho fazia sozinho numa banheira, num hotel, em plena tarde. De qualquer modo, vá-se lá saber porque era tão desesperadamente infeliz. Alex conseguiu fazer merda até na sua morte. O hotel é demasiado medíocre para fazer sonhar, mas demasiado sombrio para ser exótico. Era frequente alugar um quarto na cidade durante alguns dias, bastava que pensasse ter visto um *paparazzo* em frente da sua casa para dormir noutra sítio. Alex gostava de viver em hotéis. Tinha quarenta e seis anos. Quem espera pelo limiar da andropausa ou da menopausa para morrer de *overdose*? Michael Jackson, Whitney Houston... deve ser uma cena de *blacks*.

Bleach gostava de rever os velhos amigos. Dava-lhe como uma vontade de mijar, mas dava-lhe regularmente. Estava um ano inteiro sem dar sinais de vida, por vezes dois, então começava a ligar para toda a gente como um louco, ou a bombardear com *mails*, chegando a ser capaz de aparecer em casa deste ou daquele sem avisar. Era impossível ir a um bar com ele para beber um copo. Toda a conversa era interrompida ao fim de cinco minutos por um fã, e um fã pode ser agressivo. Ou completamente destrambelhado. Regra geral, o fã que se mete numa conversa é um chato. Quando Alexandre tinha vontade de ver Vernon, fazia uma chamada e convidava-o para sua casa. Bebiam uma cerveja e fingiam que nada tinha mudado. Dá pra rir. Com uma música, Alexandre ganhava o equivalente ao que um gajo como Vernon

tinha faturado na loja em mais de vinte anos. Como poderia a relação entre eles escapar à influência desse pormenor?

Alex tinha feito muitos amigos no seu meio VIP. Mas estava convencido de que a sua «vida real» tinha sido interrompida pelo êxito. Vernon tentou muitas vezes demonstrar-lhe que se tratava de uma ilusão: por volta dos trinta, as coisas começam a perder brilho, quer sejas pobre ou uma megaestrela, e é assim para toda a gente. A diferença é que, para os que não apanham o comboio do sucesso, não há nenhuma compensação. Não é por a juventude se desvanecer que se dá a volta ao mundo em primeira classe, se come as miúdas mais giras, se convive com os *dealers* mais *cool* ou se gasta o dinheiro em várias *Harley Davidson*. Mas Alex não queria entender nada. Aliás, parecia sentir-se tão mal que era difícil convencê-lo de que tinha sorte.

A primeira vez em que Alexandre entrou na loja ainda era uma criança. Os seus grandes olhos, debruados por longas pestanas encaracoladas, conferiam-lhe uma expressão infantil. Chegava com uma garrafa de *Jenlain*, sentava-se no banco e pedia para ouvir discos. Para Alex, Vernon era a pessoa que lhe abriu as portas da magia: foi quem o fez ouvir pela primeira vez o álbum duplo ao vivo dos Stiff Little Fingers, os Redskins, o primeiro EP dos Bad Brains, a Peel Session dos Sham 69 ou o *Fight or Die* dos Code of Honor. Alex ainda era menor de idade, tinha bochechas gorduchas e não se armava em durão. É óbvio que o seu sorriso fez muito pela sua ascensão fulgurante — um sorriso que causava o mesmo efeito que ver gatinhos no YouTube. Era preciso ter a carapaça de um *psycho killer* para não sentir nada. Como todos, arranhava e guinchava entre uma banda e outra. Como tantas vezes, a fama chegou como ninguém esperava. Na cena daquela época, havia heróis, tipos em quem todos apostavam. E todos eles mais ou menos se evaporaram da face da Terra.

A paixão de Alex pela droga manifestou-se tardiamente e levou tudo à sua frente. Mas aquele rapaz sempre tinha avançado com um punho invisível enfiado no peito. Era bem verdade que qualquer pretexto lhe servia para entrar no gozo, mas alguma coisa se tinha fundido, no seu olhar, uma fenda que nada poderia impedir de se aprofundar.

Há uma questão, de um pragmatismo rasteiro, que não sai da cabeça de Vernon: quem lhe irá pagar a renda? Começou pouco depois da morte de Jean-No. Cruzaram-se por acaso, perto da estação de metro de Bonsergent. Alexandre lançou-se-lhe nos braços. Há muito tempo que não se viam, desde o concerto de Tricky no Elysée Montmartre. Passado o constrangimento dos primeiros minutos, matizado pela contrariedade de terem de desempenhar um papel, o de velhos amigos que têm um monte de coisas para contar um ao outro, como se o interesse das histórias de vendas no eBay de Vernon fosse equivalente a histórias de noites passadas num iate com Iggy Pop —, a verdade é que acabava sempre por ser muito fixe sair com Alexandre.

Alex estava muito em baixo naquele dia. Dava mostras do entusiasmo confuso e da fluidez precipitada de um tipo que não vai a casa há algum tempo e que deveria começar a pensar nisso. A neve cobria as calçadas, e foi preciso segurá-lo pelo cotovelo para o impedir de cair. Entusiasta, como sempre, insistiu para Vernon subir com ele até à casa do seu *dealer*, que vivia a dois passos. Um tipo obsequioso, com cara de ser o melhor da turma, que compunha música com o *GarageBand*. Fumava *skunk* holandesa, tão forte que provocava dores de cabeça ao segundo bafo. Queria a todo o custo que ouvissem os seus «sons mais recentes». Suportaram uma série de pistas de sintetizador com batidas, quando muito, precárias. Alex já estava pedrado, ouvia aquela merda com o maior interesse e explicava ao *dealer* que

trabalhava com os hertz, as oscilações do som por segundo, e que, dispondo-as de uma determinada maneira, era possível modificar o cérebro. Estava bloqueado nessa história de sincronização das ondas cerebrais, e o *dealer* não perdia pitada do que ele dizia. A verdade era conhecida de todos — há anos que Alex não era capaz de compor um único tema. Como não conseguia alinhar três acordes seguidos nem escrever um refrão de jeito, conformava-se com as *alpha waves*.

Já era de noite quando se encontraram de novo na rua. Circulavam poucos carros, e as ruas estavam bizarras de tão vazias e silenciosas. Vernon fez uma piada sobre a carantonha de uma atriz vestida de negro que aparecia num cartaz de quatro por três metros, meneando o cu sobre uma mota. Disse algo desagradável como «tem um ar tão fatela que eu preferiria comer uma boneca de plástico», e Alexandre esboçou um sorriso amarelo. Era óbvio que a conhecia. Vernon perguntou-se se ele a tinha comido. Alex agradava às mulheres, nem tinha necessidade de vender discos para isso. Muitos dos seus amigos eram VIP, gente que sabemos como se chama e que cara tem, mas com quem nunca estivemos pessoalmente. Guardava os seus números no telemóvel com nomes codificados, para o caso de ser roubado ou se o perdesse. Estava paranoico com a ideia de que a sua lista de contactos pudesse cair nas mãos de alguém. Era frequente ficar a olhar perplexo para o ecrã quando o telemóvel tocava, incapaz de recordar a quem correspondia o nome que via aparecer. «SB», por exemplo, deixava-o pensativo: será Sandrine Bonnaire, Stomy Bugsy, Samuel Benchetrit, ou um nome codificado ainda mais complexo, como Safada Biliosa ou Sodomita Brutal? Só se conseguia lembrar de quem era ao ouvir a mensagem: «SB» era «sala de banho», porque tinha estado horas numa casa de banho a conversar com Julien Doré. Na altura, deve ter



parecido uma ideia brilhante. Como tantas coisas obscuras que se fazem depois das três da manhã.

Vernon perguntou-lhe «e tu, lembras-te do Jean-No?» Claro que se lembrava. Tinham tocado juntos durante algum tempo nos Nazi Whores, no início dos anos 90. Há mais de dez anos que não se viam. Jean-No detestava Alex e tudo o que ele representava — o *rock* de autor, a militância beta e, acima de tudo, o êxito fulminante, que não podia ser atribuído à sua filiação, coisa que punha Jean-No doente. Tinham feito coisas juntos e trabalhado nos mesmos ambientes — um tinha ficado com os louros, e o outro nem sequer conseguira descolar. A comparação era-lhe insuportável — trocar de Alex era uma atividade que ocupava boa parte do tempo de Jean-No. «Sabes que ele morreu?», e Alex ficou pálido, muito perturbado. Vernon sentiu-se incomodado perante tanta emoção sincera, mas não teve coragem para acrescentar «não ponhas essa cara; para ser franco, ele não te podia nem ver». Alex insistiu em dar-lhe boleia até casa de táxi, e depois em subir. Não tardaram em estar na mesma onda — dois hámsteres frenéticos, pedalando para fazer avançar a mesma roda. Enrolado no sofá, Alex sentia-se como num ovo. Adorava o espaço exíguo do apartamento, enroscava-se e sentia-se protegido em casa de Vernon. Ouviram os Dogs, coisa que nem um nem outro fazia há mais de vinte anos. Alex ficou por lá três dias. Estava obcecado com aquilo a que chamava «pesquisa» sobre batidas binauriculares e obrigou-o a escutar vários tipos de ondas, que deveriam ter um impacto profundo sobre o inconsciente, mas que, como os factos demonstravam, não conseguiam sequer provocar uma enxaqueca. Alex chegou com cinco gramas. Snifaram-nos sem pressas, como veteranos. Vernon cabeceava — a coca relaxava-o e ajudava-o a dormir —, e Alex meteu na cabeça entrevistar-se a si mesmo em casa de Vernon,

sentado no sofá. Tinha consigo uma câmara velha, empilhou três pequenas cassetes de vídeo de uma hora ao lado do ecrã da televisão e, quando Vernon voltou a si, armou-lhe um espetáculo impossível: «É o meu testamento, estás a ver? É para ti. Para que vejas quanto eu confio em ti.» Já não estava a bater bem. Depois recomeçou com as histórias de ondas delta e gama, o processo criativo e a ideia de fazer música que fosse como uma droga, música que modificasse os circuitos neuronais. Vernon estava desesperado, Alex metia sons de merda e obrigava-o a ouvi-los com os auscultadores.

Vernon desceu para comprar *Coca-Cola*, tabaco, batatas fritas e *whisky* com o cartão de crédito do seu amigo cantor. «Ouve, não há absolutamente nada para comer cá em casa, estás a trabalhar onde? Queres que te deixe algum guitto?» Vernon tinha dois meses de renda em atraso, lutava arduamente para não acumular um terceiro, de acordo com uma lenda urbana, até aos três meses não corres o risco de ser despejado. Foi assim que tudo começou. Alexandre transferiu o equivalente a três meses de renda para a conta de Vernon — juro-te, é um prazer, honestamente. E Alex insistiu, ao sair, «liga-me se precisares de guitto, eu tenho, já sabes... Prometes que fazes isso?»

E Vernon assim fez. Ao princípio, pensou em arranjar-se de outra forma, mas, ao quarto mês de atraso, fê-lo. Alex emprestou-lhe dinheiro. Imediatamente. E, uns meses depois, Vernon voltou a ligar-lhe. Sentia-se incomodado, mas era como voltar à infância. Quando os seus pais ainda estavam neste mundo e podia contar com eles, *in extremis*, para sair de uma alhada. Naquele sistema amigável de solução de problemas, havia uma parte de infância protegida. E Alex socorrera-o. Anotara o número de conta de Vernon na sua lista de transferências, e, em três cliques, o problema ficava resolvido. Vernon adiava, lutava

consigo mesmo. Oscilando entre culpabilidade e agressividade, gratidão e alívio. Para Alexandre, o dinheiro tinha-se tornado fácil, apesar de, para os outros, ser particularmente difícil. Vernon enviava um cheque ao senhorio, reunia um pequeno *stock* de tabaco e de comida, e guardava ciosamente o necessário numa caixa para comprar a sua cerveja diária. Assim sobrevivia.

Tocam à campainha. Vernon não responde. Deve ser o carteiro, com correio registado. Não assina. Já não lida com documentos administrativos. Foi ocorrendo pouco a pouco, esta paralisia mental — são cada vez mais as tarefas simples que não consegue realizar. Baixa o volume da música e espera. Insistem. Batem à porta. Vernon está sentado na cama, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, já está habituado — espera que se vão embora. Mas um ruído estranho na fechadura alerta-o para o facto de estarem a forçá-la. Percebe imediatamente o que se passa. Sem dizer uma palavra, veste uns *jeans* à pressa e enfia um pulôver limpo. Está a atar os cordões de um velho par de *Doc* baixas quando abrem a porta. Está nervoso, como numa moca de *speed* manhoso. Entram quatro homens e olham-no de cima abaixo. O que lidera o grupo usa da palavra, «*monsieur*, podia ter-nos aberto a porta». Olha-o fixamente, avalia-o. Leva um elegante *foulard* azul-marinho à volta do pescoço e uns óculos com armação vermelha. O fato cinzento fica-lhe curto. Lê em tom neutro, num *tablet* — blá-blá-blá com domicílio em blá-blá-blá você é o senhor e blá-blá-blá o inquilino de...

Dez anos a pagar a puta da renda. Dez anos. Mais de noventa mil euros. Nos bolsos de um imbecil, que cobra sem fazer porra nenhuma. O proprietário deve ser um desses herdeiros que passam a vida a queixarem-se de pagar demasiados impostos. Em dez anos não fez nada — era preciso não o largar até ele

consertar um mísero esquentador. Noventa mil. Nem uma hora de trabalho, nem uma ida ali, nem um investimento. E agora metem-no na rua.

O olhar de Vernon crava-se nas calças do agente de execução, que lhe apertam as coxas. Espera que o pequeno grupo tome nota dos seus bens e se vá embora, deixando-lhe tempo para poder desenrascar-se. Há alguns anos que é um interdito bancário, senão passaria um cheque para atrasar o processo. Afinal de contas, tudo aquilo devia poder arranjar-se, o tipo que identifica como sendo o serralheiro parece realmente simpático. O seu grande bigode cinzento, à moda antiga, dá-lhe um ar de sindicalista. Vernon espera que ele não tenha destruído a fechadura ao forçá-la, pois não tem dinheiro para a mudar. E em qualquer momento pode necessitar de sair de casa, nem que seja por cinco minutos. Já não lhe sobra nada que possam roubar. Nem um kosovar em debandada se daria ao trabalho de carregar com o seu computador. A aparelhagem e a torre pesam uma tonelada, vê-se que são muito antigas. O agente de execução recomenda-lhe que recolha as coisas indispensáveis para os próximos dias e que abandone a casa. Nenhum deles lhe diz, bom, hoje ficamos por aqui, voltaremos dentro de dez dias e já veremos o que fazer. Os dois matulões que não disseram uma palavra acampam no meio do apartamento e aconselham-no, sem a menor hostilidade, a obedecer o mais rapidamente possível.

Vernon observa a sala — poderia oferecer-lhes algo em troca de um adiamento suplementar? Sente alguma inquietação — teme que reajam violentamente. Estão habituados aos excessos e aos gritos. Vernon pede um quarto de hora, o agente de execução suspira — mas sente-se aliviado, o inquilino não é um tarado.

Vernon sobe a um banco para tirar de cima do armário a sacola mais resistente que tem. Ao descer, caem-lhe bolas de pó

cinzento sobre os ombros. Espirra. Certas situações são tão in-sólitas que nos negamos a vê-las como realmente são. Enche a sacola. Os auscultadores, o *iPod*, alguns *jeans*, a correspondência de Bukowski, dois pulôveres, todas as cuecas, uma fotografia dedicada de Lydia Lunch, o seu passaporte. O terror impede-o de pensar. Como acaba de saber da morte de Alex, ocorre-lhe tirar do fundo de um armário, escondido por trás de umas pilhas impecavelmente ordenadas de *Maximum Rock'n'roll*, *Mad Movies*, *Cinéphage*, *Best* e *Rock & Folk*, o pequeno pacote de três cassetes que Alexandre filmou em sua casa, aquando da sua última visita. Podia tentar vendê-las... Vernon descalça as *Doc* para calçar as suas botas preferidas. Pega num despertador amarelo de plástico que comprou numa loja chinesa há uns dez anos e que aguentou até agora. A sacola pesa. Sai do apartamento sem dizer uma palavra. O agente de execução detém-no no patamar, não, não tem preferência por nenhum armazém para os móveis, sim, tem um mês para recuperar as coisas, assinar aqui, não há problema. Desce então as escadas, na realidade ainda convencido de que não é grave, de que regressará.

Cruza-se com a porteira nas escadas. Sempre se deu bem com ela. Ele é um inquilino ideal, solteiro, que sempre faz algum comentário sobre o ruído das obras que estão a fazer na rua, a previsão do tempo ou alguma piada — conversas ligeiras sem consequências, mas que encantam esta mulher de uns sessenta anos. Ela pergunta-lhe se está tudo bem — não se apercebeu de que uns serralheiros tinham subido a sua casa. Vernon não encontra nem palavras nem coragem para lhe contar o que se passa. Ela não fica surpreendida por vê-lo descer com um saco tão grande, viu-o dezenas de vezes ir carregado aos correios. Ele dá-se conta então da vergonha que a situação lhe provoca. A última vez que o expulsaram foi do liceu. Tinha ido para as aulas

depois de meter ácido, juntamente com o seu amigo Pierrot, que mais tarde se atiraria de uma ponte, um domingo ao amanhecer — e mandaram-nos ao gabinete do diretor, que os expulsou. Essa recordação transporta-o para a cozinha da casa da família. Os seus pais morreram jovens. Não tem a certeza de que o teriam ajudado agora. Eram severos. Preocupava-os que fosse por bons caminhos, nunca estiveram de acordo com todas aquelas histórias de *rock'n'roll*. Queriam que se candidatasse a um concurso para a função pública. Sempre disseram que ter um negócio tem tudo para não acabar bem. Afinal tinham razão.

Já na rua, a evocação dos objetos que deixou no apartamento e que devia ter levado pesa-lhe como uma pedra atirada ao peito. Toca com a ponta dos dedos a extremidade do documento administrativo dobrado em quatro no seu bolso traseiro. As suas mãos tremem, já não lhe obedecem. Tem de parar, pensar com calma e procurar a maneira de solucionar tudo isto. Mil euros. É muito, mas pode consegui-los. As suas coisas não estão perdidas — tem mais coisas a que se apegou do que pensava. O relógio que Jean-Noël lhe ofereceu. Os *test pressings* do primeiro álbum dos Thugs, que ele conseguiu por casualidade quando o *label manager* da Gougnaf Mouvement abançou em sua casa durante uma temporada. A garrafa *Motörhead* que Eve lhe trouxe de uma escapadela a Londres. A cópia original de uma foto de Jello Biafra que Carole tirou em Nova Iorque. E Selby com dedicatória.

A ameaça de despejo pairava sobre ele há tanto tempo que acabou por crer tratar-se da velha sirene de uma guerra que sempre ganharia. Se Alexandre ainda andasse por aí, Vernon saberia o que fazer: iria à porta da casa dele e moveria céu e terra até o encontrar. Não teria qualquer vergonha — o seu velho amigo ficaria encantado por poder ajudá-lo. Ao fim e ao cabo,

era para isso que Vernon servia: para dar algum valor real ao seu dinheiro.

Se ao menos tivesse decidido procurar Alexandre, em lugar de lhe enviar um *mail* amável de vez em quando, esperando que ele acordasse. Se Vernon tivesse ido pedinchar a casa de Alex, tudo teria sido diferente. Tinham ficado pedrados em conjunto, tranquilos, em casa — e Alex não se teria enfiado numa banheira de um hotel merdoso. Em vez disso, teriam ouvido uns *live* dos Led Zep no Japão.

Na cidade sem dinheiro, Vernon começa a saber o que isso é. Salas de cinema, lojas de roupa, cervejarias, museus — há poucos sítios em que um tipo se possa sentar quentinho e sem pagar. Restam as estações de comboio, o metro, as bibliotecas e as igrejas, e alguns bancos que não tenham sido arrancados para evitar que pessoas como ele se sentem gratuitamente durante demasiado tempo. As estações de comboios e as igrejas não têm aquecimento, a ideia de entrar sem pagar no metro com a sua sacola desmoraliza-o. Sobe a avenue des Gobelins, na direção da place d'Italie. Tem sorte, um sol claro ilumina as ruas, embora tenha chovido nos últimos dias. Teria sido suficiente aguentar mais um mês, seria o início oficial do inverno.

Tenta não desanimar, olhando para as raparigas, na rua. No seu tempo, ao primeiro raio de sol, as miúdas saíam com o que tinham de mais curto para celebrar o acontecimento. Hoje em dia, vestem menos saias, mais sapatilhas desportivas, a sua maquilhagem tornou-se discreta. Vê muitas mulheres que passam dos quarenta e que fazem o que podem, com roupa comprada nos saldos e que as seduziu nas prateleiras, coisas baratas e que parecem cópias decentes de trapinhos de bom corte. Mas assim que as vestem, só se vê a sua idade. E as miúdas, essas

continuam a ser lindas como sempre, mas arranjam-se pior. O regresso dos anos 80 prejudicou-as.

Quinta-feira, as portas da biblioteca só abrem às duas da tarde. Vernon já está farto de andar na rua. Percorre a avenue de Choisy e senta-se numa paragem de autocarro. Tinha pensado ir até ao parque, mas a sacola pesa demasiado. Senta-se ao lado de uma quarentona que se parece vagamente com Jean-Jacques Goldman. Tem um cabaz enorme cheio de comida benzoca entre os pés. Tudo na sua atitude destila inteligência, naturalidade, seriedade e pretensão. A mulher evita ostensivamente o seu olhar, mas o primeiro autocarro que passa não é o seu. Ela tira um cigarro do bolso do casaco, ele tenta meter conversa, sabe que ela o tomará por chato, mas ele precisa de falar com alguém.

— Não é uma contradição? Quero dizer, comer bio e fumar cigarros?

— Sim, mas eu faço o que quero, certo?

— E dá-me um cigarro?

Ela vira a cabeça, suspirando, como se ele a estivesse a assediando há três horas. Não é preciso exagerar, pensou Vernon, a gaja não é uma bomba, não é bem uma miúda, decerto não se arrisca a que se metam com ela a cada cem metros, quando vai às compras. Vernon insiste, sorri, apontando para a sacola:

— Fui despejado da minha casa esta manhã. Só tive cinco minutos para pegar nas minhas coisas e sair. Esqueci-me dos cigarros.

Ela hesita em acreditar, depois muda de atitude. Ao ver que o seu autocarro se aproxima, tira um maço de cigarros do cesto e entrega-lho. Olha-o diretamente nos olhos, Vernon percebe que ela está comovida. A gaja deve ser sensível, está à beira das lágrimas.

— Eu não posso fazer muito por si, mas...



— Dá-me o maço? Fantástico. Vou fumá-los todos. Obrigado. Através da janela do autocarro, ela acena-lhe com a mão, algo como vai correr tudo bem. A piedade desprovida de desprezo que ele inspira nela humilha mais Vernon do que se ela lhe tivesse chamado todos os nomes possíveis.

Fumou os cinco cigarros do maço numa hora. O tempo passa com uma lentidão insuportável. Gostava de poder guardar a sacola nalgum sítio. Era bem bom que ainda existissem os cacifos das estações de comboio.

Finalmente, a biblioteca abriu. A decoração é-lhe familiar. Levou emprestados muitos livros de quadrinhos e DVD. Antes de os jornais estarem todos disponíveis na Net, ia frequentemente ali folhear a imprensa diária. Senta-se ao lado de um radiador e abre um exemplar do *Le Monde*, que não tem intenção de ler. Mas, se ele fosse uma mulher, iria querer falar com um homem que lê o *Le Monde*, especialmente se tiver um olhar interessado, o olhar de um gajo que se informa, mas que não se deixa levar.

Folheia mentalmente uma agenda imaginária, elabora uma lista de pessoas que poderiam dar-lhe uma mão, desde a letra A até à letra Z. É provável que haja alguém que o possa acolher, que tenha um sofá ou um quarto para lhe emprestar. Já se vai lembrar de alguém.

Repara numa morena na mesa do lado. Tem o cabelo puxado para trás e usa brincos fora de moda, dourados e com pequenas pedras brilhantes. Está bem arranjada, mas algo não bate certo na sua elegância — é datada. Dá a sensação de estar muito só. Tem livros de medicina abertos sobre a mesa. Talvez tenha uma doença grave. Poderiam entender-se. Imagina-a sozinha num grande apartamento, os filhos já maiores de idade a estudar no estrangeiro e só vindo no Natal, ela gostará de sexo

e de homens imaturos, já terá sofrido o suficiente para saber que, quando se encontra um bom tipo, se faz algum esforço para não o perder, mas não deverá ter sido nada que a tenha destroçado. E deve estar sozinha porque, por exemplo, o trabalho ocupa-lhe a maior parte do tempo, ou porque foi deixada recentemente por um tipo ainda mais rico do que ela, que se terá apaixonado por uma jovem e que, antes de se ir embora, lhe terá deixado uns bons trocos. Grata por ter um homem em casa, reservaria um quarto do seu apartamento para Vernon, que o converteria numa sala para ouvir música, mobilada com o que houvesse à mão, mas na qual ele investiria em som, e, nalgumas noites, lá se sentariam, os dois, ela a rir-se da sua coleção de discos-pirata, porque no fundo lhe agrada que ele tenha uma paixão nobre. As mulheres adoram os rapazes que gostam de *rock*, é suficientemente canalha para as enlouquecer, e combina muito bem com o conforto burguês.

Estes pensamentos entusiasmam-no durante alguns minutos, depois desaparecem. E Vernon lembra-se de todas as vezes em que, no metro, tinha identificado aqueles que fingiam ser passageiros, mas que ficavam na plataforma, enquanto ele os continuava a observar, mas já da carruagem em andamento. Na estação Arts et Métiers, linha 11, direção Hôtel de Ville, havia um jovem negro, com um quisto enorme que lhe deformava a bochecha, que dormia sempre no mesmo banco. Andou por ali mais de dois anos. Havia a romena da République, via-a a amamentar o bebé, depois o menino aprendeu a andar e bebia *Coca-Cola* aos pés da mãe.

Ainda não sabe quem o vai hospedar, mas sabe que não vai contar a verdade. É demasiado assustador. Contará algo mais leve. De qualquer forma, as pessoas gostam de ser enganadas. Nós somos assim. «Agora vivo no Canadá, tive de vir para tratar

de papelada, estou à procura de um sítio para ficar três noites. Podes emprestar-me a tua sala de estar?» Três noites. Mais do que isso é abusar. O Canadá é bom — um destino que não interessa a ninguém, não lhe fariam perguntas a que ele não sabia responder. Bebo xarope de ácer, os Hells Angels continuam a ser umas bestas, a coca está a bom preço, as miúdas são fogosas, mas é preciso habituarmo-nos ao sotaque.

Emilie! Era preciso estar mesmo chanfrado para não ter pensado nela imediatamente, sabia chegar a casa dela mesmo de olhos fechados. Dois quartos num quinto andar sem elevador, atrás da Gare du Nord, que os seus pais lhe compraram quando ela tinha vinte anos. Deram-se festas memoráveis. E dezenas de noites em *petit comité*, ali dançou, ali bebeu, ali vomitou, ali fodeu várias vezes na casa de banho, jantou, fumou charros, ouviu os Coasters, álbuns da Siouxsie e Radio Birdman. Emilie era baixista. Adorava os L7, Hole, 7 Year Bitch, e outras coisas atroztes que só as miúdas conseguem ouvir. Brusca e desdenhosa no palco, à nova-iorquina. Na vida civil, muito amável. Talvez demais. Não necessariamente feliz no amor. Corava facilmente, e isso, a ele, parecia *sexy*. Usava botas altas tipo *Os Vingadores*, e, quando estava em palco, as suas ancas desenhavam círculos lânguidos e estranhamente convulsivos, segurava o baixo à altura dos joelhos e tocava virando a cabeça sobre o ombro para ver os olhos do baterista, tipo canzana. Tocava bem. Ninguém sabe porque deixou a música quando a banda se separou. Quando ela lhe ligou, em lágrimas, para lhe dizer que Jean-Noël tinha morrido, sentiu pena dela. Que ela ainda continuasse a ir para a cama com tipos comprometidos. Depois do enterro, propôs-lhe muitas vezes que combinassem um encontro, mas Vernon não estava bem e nunca respondeu. Emilie despejou uma enxurrada de comentários

incendiários na sua página de Facebook. Aos quais ele não respondeu. Não lhe guarda qualquer rancor, ele sabe que às vezes se perde a razão.

**Vernon Subutex faz parte de uma espécie em vias de extinção. Proprietário de uma loja de discos, viveu os anos 80 e 90 seguindo religiosamente a trindade sexo, drogas e *rock 'n' roll*. Passados vinte anos, Vernon depara com um novo mundo: a sua loja fechou, a maioria dos seus amigos morreu ou assentou, e o seu velho amigo, a estrela de *rock* Alex Bleach, acaba de desaparecer, vítima de *overdose*. Sem emprego, casa ou planos, o futuro de Vernon passa agora pelas ruas de Paris. Os dados da sorte, no entanto, continuam a rolar e, graças a um comentário deixado no Facebook, espalha-se a notícia de que Vernon tem em seu poder algo de muito valioso: três cassetes de vídeo que Bleach, durante uma noite de farra, deixou como testamento. Entre produtores, estrelas porno e fãs desocupados, Vernon não faz ideia da multidão esfomeada que tem no seu encalço.**

**Com capítulos curtos e ritmo acelerado, *Vernon Subutex 1*, finalista do International Booker Prize, é um romance imperdível, um retrato cru e audaz da sociedade europeia contemporânea, definido pela crítica como «parte épico social, parte *thriller punk rock*, escrito com uma fúria que nos atinge em cheio como um murro».**

**«Um romance audaz e modernamente pícaro, escrito numa prosa vívida e fluida, que, numa prova de risco e ousadia, deixaria o senhor Houellebecq lá para trás.»**

**JOSÉ RIÇO DIREITINHO, PÚBLICO**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789897875946



9 789897 875946 >